

**RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER**

**Temas de Universidade de Síntese**

**CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA**

**EXPANSÃO PLANETÁRIA  
DE CONSCIÊNCIA**

**Para Uma Civilização Ecológica**

Conferência ditada no  
“Centro de Informações das Nações Unidas”  
Buenos Aires, 5 de junho de 1990  
Dia Internacional do Meio Ambiente

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Neste momento em que celebramos o "Dia do Meio Ambiente", nos encontramos em uma situação muito crítica, em nível mundial. O desequilíbrio da natureza e o desequilíbrio do homem configuram um único desequilíbrio ecossistêmico, em escala planetária. Todos conhecemos os graves perigos que nos ameaçam por fora, devido à deterioração do meio ambiente que nos rodeia (contaminação do ar por gases tóxicos, contaminação da terra por resíduos radiativos, efeito estufa, buraco de ozônio, contaminação das águas por resíduos industriais). Mas existe um perigo ainda maior que é a contaminação das águas que circulam por dentro (por dentro de nossa própria fisiologia). A difusão em escala planetária de algumas enfermidades sociais (a AIDS, a perigosa síndrome de imunodeficiência adquirida, o consumo massivo de drogas, a decadência moral, o crime organizado), todo isto nos faz pensar que o patrimônio genético da humanidade está ameaçado. E isto é grave.

E então, se isto é assim, temos o direito de perguntar-nos: "O que é que estamos celebrando neste Dia do Meio Ambiente?"

O que celebramos é haveremos tomado consciência de que estes problemas existem, são reais, que o desafio é global (de uma ou de outra maneira afeta todos). E que a ruptura do equilíbrio do ecossistema (incluindo o homem) não só põe em perigo a sobrevivência da humanidade sobre a Terra, senão que ameaça a própria vida da Terra.

E também celebramos o fato de havermos nos dado conta de que, para resolver estes problemas, não são suficientes as respostas parciais nem os discursos fragmentados (já sejam discursos políticos, econômicos ou tecnológicos). Impõe-se a necessidade de uma ação global.

Pareceu-nos oportuno, como auxiliar pedagógico deste tema de “Desequilíbrio Ecológico e Resposta Global”, apresentar o vídeo da “Conferência Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano”. Esta última organizada por “Global Forum” e realizada em Moscou (Janeiro/90) sob os auspícios do Soviet Supremo, da Academia Soviética de Ciências e da Igreja Ortodoxa Russa.

Essa “Conferência” – com o título “Global Forum II” – foi transmitida por TV via satélite a 114 países (INTELSAT) e a 15 nações da área Intersputnik. Nós, na Argentina, por intermédio do “Comitê de Enlace Pró Universidade de Síntese”, conseguimos que a Subsecretaria de Coordenação da Presidência da República declarasse esta “Conferência” como de interesse nacional. E pudemos ver seu desenvolvimento em tempo real.

Depois do que vimos no vídeo, os tremendos danos infligidos pelo homem à vida do planeta – os astronautas da estação orbital soviética mostrando àqueles que assistem à Conferência a devastação na selva amazônica – à vista desta deterioração evidente do habitat natural do homem, impõe-se uma pergunta:

Qual é o futuro que nos espera?

Uma catástrofe ecológica? (O que viria a ser o fim dos tempos!)

Ou o despertar de uma “consciência ecológica”?

Algumas profecias não vacilam em anunciar um futuro apocalíptico, já seja por catástrofe atômica ou por uma catástrofe ecológica. Thomas Berry, conceituado

filósofo e ecologista diz que, no passo em que vamos, não se pode descartar “uma reação massiva da Terra”.

Outras mensagens são mais otimistas e apontam para uma “revolução da esperança”. Erich Fromm, em seus últimos anos, escreveu um livro com este título: “*The Revolution of Hope*”. (A Revolução da Esperança)

Dentro do marco destas revoluções da esperança, tem muito peso na mente coletiva a mensagem implícita da “revolução tecnológica”. É o que Thomas Berry chama o “transe tecnológico”, isto é, o estado da consciência que assume a revolução tecnológica como “mensagem de salvação”.

Conforme esta crença, a transcendência tecnológica viria a substituir a transcendência espiritual.

Para resumir:

Mensagens apocalípticas, por um lado.

Mensagens de esperança, por outro.

Mas, para além destas mensagens reducionistas, limitadas em seu alcance pela concepção linear do tempo histórico, aparece-nos “outra” visão do mundo e emergem “outras” perguntas para o homem.

Quais são estas perguntas?

Não será que o desequilíbrio ecológico, a patologia social e a crise existencial do homem contemporâneo não são mais que a face obscura de um “novo fenômeno humano” que ainda não conseguimos compreender?

Quando o artista que fez a composição do vídeo “Global Forum” nos mostra a imagem e a voz da Mãe Terra (em forma de mulher) falando-nos desde um

hiperespaço, não nos está indicando que um novo arquétipo cósmico já se constelou no inconsciente coletivo da humanidade?

Não será que, sem dar-nos conta, já entramos em uma nova era, que já pertencemos a outro tempo e que as respostas que viemos dando aos problemas que nos perturbam foram dadas para outro mundo, para um mundo que passou?

Em resumo, como diz Thomas Berry, não será que iniciamos uma “Nova História”, e que essa nova História reclama, mais que novas respostas, novos instrumentos (novos olhos para ver e novos ouvidos para ouvir)?

No ano passado (nov/1989), tivemos o prazer de conversar com o Prof. Manfred Max-Neef, Prêmio Nobel Alternativo de Economia e autor de um livro intitulado “*La Economía Descalza*”. MaxNeef, que pertence à Fundação Dag Hammarskjöld (com ramos na Suécia, no Canadá e no Chile), deu-nos uma Conferência sobre “Desenvolvimento em escala humana, uma opção para o futuro”. Conferência realizada sob os auspícios da Sociedade Científica Argentina e do Comitê de Enlace Pró Universidade de Síntese. Quando terminou sua dissertação, perguntamos a ele como via o mundo, como via o futuro da humanidade. Disse-nos que via no horizonte, três cenários possíveis:

*Um primeiro cenário*, de “catástrofe global” (já seja por guerra nuclear ou por catástrofe ecológica).

*Um segundo cenário*, de “catástrofe social” (por explosão demográfica, migração em massa dos países subdesenvolvidos para os países mais ricos em busca de trabalho. Ou por implosão social das grandes massas de marginalizados da Terra que invadirão as zonas residenciais em busca de comida: explosões sociais muito mais perigosas que as que conhecemos até agora).

E, finalmente, via *um terceiro cenário*, de “solidariedade global”.

E eu me pergunto: o que é solidariedade global?

Max-Neef não desenvolveu o tema da “solidariedade global”. Mas deu importância à reação em cadeia que pode ser desatada pela ação individual e pelo testemunho pessoal, em uma massa social altamente sensibilizada como a que existe atualmente no mundo. Deu como exemplo, o caso da mulher negra que, nos Estados Unidos, quando viajava em um ônibus não cedeu o assento a uma mulher branca. E que esse gesto, aparentemente insignificante, iniciou uma reação em cadeia a favor da não discriminação racial.

Em meu modo de ver e de sentir, “solidariedade global” tem um alcance ainda mais profundo. Para além de sua valoração como “fraternidade humana” ou como “ética social”, a “solidariedade global” implica o despertar de um sentido cósmico no homem, consciência expansiva no ser humano que o faz sentir-se unido com todas as formas vivas que estão na Terra e com as que estão além da Terra. A obra maravilhosa do japonês que vimos no vídeo – comunicando-se a través do som de sua voz com o pintinho que se move dentro do ovo e ajudando-o a nascer, e depois a voar – nos oferece um exemplo desta “nova função de participação coevolutiva em um cenário ao mesmo tempo humano e cósmico”.

É a arte sagrada dos novos mestres: “ensinar a voar”. Uma arte que não nega a técnica; pelo contrário, utiliza a ciência e a técnica como ferramentas adequadas para o desenvolvimento da consciência.

E, ao chegar a este ponto, direi umas poucas palavras acerca de “Universidade de Síntese”.

O que é “Universidade de Síntese”?

Mais que uma nova instituição é uma nova função orientadora que emerge em uma sociedade que já funciona como economia global e aldeia global. É uma nova

ferramenta para o desenvolvimento da consciência expansiva da nova civilização de Síntese, uma “ponte” entre o Caminho do Conhecimento e o Caminho da Vida.

Desde o início do século, diversas correntes humanas (científicas, sociais, espirituais) procuram estender a ponte entre o Conhecimento e a Vida. O que, dito de outra maneira, implica na busca da equação de campo unificado entre as leis do cosmos e as leis do homem.

Universidade de Síntese é uma destas ferramentas pedagógicas de unificação, cuja finalidade é criar as condições adequadas para o desenvolvimento da nascente consciência cósmica no homem.

Já se delineiam, na emergente “fisiologia planetária”, os novos órgãos do saber.

Um destes centros de força inteligente é a Universidade das Nações Unidas.

Em 1967, o então Secretário Geral das Nações Unidas, U Thant, propôs a criação de um organismo educativo em nível internacional, com a finalidade de “promover a paz e a segurança mundial, o desenvolvimento e a coexistência entre os povos e a difusão do conhecimento”. O desenvolvimento desta ideia foi encomendado a um grupo de investigadores da Universidade de Michigan. E, depois de 5 anos de elaboração, em 1973, a Assembleia Geral das Nações Unidas deu sua aprovação à "Carta da Universidade das Nações Unidas", organismo que começou a funcionar em 1975, em Tóquio, Japão.

Mas a “UNU” (Universidade das Nações Unidas) está constituída só por *experts*, não tem estudantes. Penso que, para o desenvolvimento de uma consciência ecológica de solidariedade global, não bastam os *experts*.



Se simbolizarmos, na Universidade das Nações Unidas, o polo expansivo da civilização científico/técnica, percebe-se a necessidade de um polo de interioridade humana (de síntese de valores) – que representamos como Universidade de Síntese.

Mas a Universidade de Síntese ainda não existe, é só uma ideia em gestação. Qual é sua matriz terrestre?

Se a Universidade das Nações Unidas tem sua sede no hemisfério norte, no Japão, o polo da Universidade de Síntese pode ser ativado no hemisfério sul, na Argentina.

Por que a Argentina?

Porque na Argentina se dá uma conjunção de forças humanas, telúricas e cósmicas que fazem possível uma nova “gesta”.

Aqui na Argentina, a Sabedoria da terra (a tradição espiritual da América Profunda), a Consciência Social já conquistada e o Sacrifício coletivo do povo são condições favoráveis para uma nova síntese de valores materiais e espirituais: ponto físico de irradiação de uma mensagem solidária para o mundo.